



**MOÇÃO E**  
**UM BLOCO PLURAL**  
**PARA UMA ALTERNATIVA**  
**DE ESQUERDA**  
**UM DESAFIO QUE**  
**PODEMOS VENCER!**



## **UM BLOCO PLURAL PARA UMA ALTERNATIVA DE ESQUERDA – UM DESAFIO QUE PODEMOS VENCER!**

O Mundo do Século XXI traz novas oportunidades proporcionadas pelo progresso técnico e científico, mas a civilização do capitalismo globalizado ataca os Direitos Humanos e degrada equilíbrios ecológicos. Precipita crises consecutivas que aprofundam desigualdades e aumentam a concentração da riqueza. Construir alternativas exige respostas radicalmente intransigentes com o atual quadro global, colocando na primeira linha a centralidade do Trabalho e o combate à emergência climática. A social-democracia é passado, vivemos sob a hegemonia do neoliberalismo e uma qualquer forma de keynesianismo não é alternativa – olhamos para o ecossocialismo como horizonte de sociedade. O Bloco tem a obrigação de fazer um balanço profundo dos últimos anos, tirar lições das derrotas, redefinir a orientação política com autonomia tática e estratégica, ser capaz de juntar amplos setores da sociedade e apontar para a mudança social. Antecipamos o futuro nas lutas quotidianas, nos movimentos e no modo como nos relacionamos internamente.

**Queremos democracia radical, participação e pluralismo onde não há lugar a “ervas daninhas”. Todas fazem falta à esquerda na luta pela maioria social. Queremos uma esquerda na luta por um novo compromisso civilizacional entre Trabalho, Ambiente, Conhecimento e novas gerações.**

### **O BLOCO SURGE PARA AFIRMAR UM PROJETO DE TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE**

**1.** O Bloco atingiu um importante patamar de influência política, social e eleitoral ao longo destes últimos pouco mais de 20 anos, em plena época do neoliberalismo e da globalização capitalista avassaladora, nas mais complexas condições e contextos políticos. Em períodos de enorme bipolarização, o Bloco resistiu e cresceu. **A recente diminuição dessa influência prender-se-á com dificuldades do quadro sociopolítico. Mas tem de se considerar que a orientação seguida, à margem de uma aprofundada auscultação da base, não foi adequada nem competente para enfrentar esse quadro.**

**2.** A génese do Bloco foi marcada pelas mobilizações sociais em torno da despenalização do aborto, da autodeterminação de Timor, da luta contra a guerra do Iraque e pela exigência da mais ampla democracia e pluralidade, em oposição ao austeritarismo neoliberal e a modelos de partidos que caíram com o Muro de Berlim. Desafiou o status quo dos partidos tradicionais e ficou indissociavelmente ligada aos movimentos progressistas e a mobilizações no espaço público. **É nesse campo que o Bloco tem de estar, de forma autónoma e diferenciada, sem hesitações sobre o papel do PS no acolhimento das políticas neoliberais da UE e do alinhamento com os interesses hegemónicos dos EUA e belicistas da NATO.**

**3.** O Bloco quis reconstruir o projeto de transformação da sociedade. Soube juntar forças, avançar com uma agenda política que contrariou rotinas, convocou os debates tabu, de modo a mobilizar a opinião pública e enfrentar as classes dominantes e o poder elitista quer do PSD/CDS quer do PS. Foi necessário “correr por fora” e “correr por dentro” das instituições e o Bloco soube fazê-lo. **A institucionalização de uma força com estas características e objetivos, com a ênfase parlamentar quase exclusiva como centro da iniciativa política, a secundarização das lutas populares e até o afastamento de combates laborais sujeitos a forte ataque do governo, retirou coerência e diluiu o projeto político.**

**4.** Sempre que foi capaz de fazer balanço (auto)crítico dos insucessos e a correção dos erros, o Bloco reergueu-se e recuperou. **É este o desafio que temos pela frente.** O fechamento e a autossuficiência perante as dificuldades não alteram o rumo. O ciclo de perdas eleitorais e de diminuição de influência social tem de ser avaliado a partir das situações concretas recentes e da linha política que provou ser incapaz de



mobilizar setores sociais que haviam confiado no Bloco. **Este balanço está por fazer**, exigindo que sejam convocados o período do acordo parlamentar de maioria PS, BE e PCP, o acordo autárquico PS e BE em Lisboa, as posições face às lutas laborais e os resultados eleitorais do período que terminou com a derrota nas Legislativas 2022.

**5.** Nas Legislativas de 2019, o Bloco falhou o objetivo traçado na XI Convenção Nacional de “ser força de governo, com uma nova relação de forças”. Afirmou-se, então, “Estamos prontos!” O objetivo de participar no governo tornou-se evidente. Com previsibilidade, o PS dispensou acordos à esquerda e o Parlamento deslocou-se à direita. **Após a XII CONVENÇÃO, nas Legislativas antecipadas de 2022, a campanha centrada no objetivo da repetição de um acordo com o PS foi um dos fatores de derrota.** Foi criada a perceção de que o projeto do Bloco estaria nisso concentrado e limitado. O Secretariado Nacional recusou fazer balanço e corrigir a linha política, pelo que se impunha um debate coletivo, a realização de uma Convenção e a assunção de responsabilidades. **Há que reconhecer o erro da orientação insistentemente prosseguida desde meados da legislatura 2015-2019. Caso contrário, o atual discurso contra a maioria absoluta PS torna-se incoerente, oco e retira confiança aos/às militantes e a muitos setores que apoiaram o Bloco. Neste contexto, enfáticos apelos à luta afiguram-se perante largas camadas da opinião pública como oportunistas.**

**6.** Perduram os fatores estruturais que levaram ao surgimento do Bloco: a globalização neoliberal, a guerra, a exploração, as desigualdades sociais e os conservadorismos, ao invés da justiça social, da paz e da solidariedade prometidas pela elite financeira europeia na construção da CEE/UE. Fenómenos agravados pela ascensão de uma agressiva extrema-direita e por crises sistémicas como as económicas, as alterações climáticas e a pandemia. **É preciso resgatar a ideia génese do Bloco. O risco de o campo popular e a esquerda perderem influência política e social é evidente e tem de ser enfrentado. Não o reconhecer e nada fazer para mudar esse rumo seria uma irresponsabilidade.**

## **ACABARAM OS TEMPOS DO “CONTRATO SOCIAL” - ESTÁ EM CURSO A GUERRA SOCIAL CONTRA OS 99%**

**7.** Enfrentamos o desafio da recomposição política, social e cultural do campo das forças que se opõem à globalização, que rejeitam o caminho do empobrecimento de trabalhadores/as, que querem enfrentar a crise climática e defendem a paz contra o carro da guerra imperialista. **Apontamos a uma nova sociedade assente no Ecosocialismo, horizonte mobilizador capaz de alavancar ações coletivas por parte de novos e mais antigos movimentos sociais.**

**8.** Um mundo sem exploração da humanidade, dos/as trabalhadores/as e dos sistemas ecológicos, tem de ser ganho nos combates que mudam as políticas determinadas pelo capital, pelo modelo produtivista e extrativista, causadoras da enorme instabilidade internacional. Os EUA são o maior fator dessa instabilidade, com frequente recurso à agressão, como no Iraque, à chantagem belicista e ao conflito comercial, evidente no enfrentamento com uma China também em busca de afirmação como potência global. **Rejeitamos o alinhamento com uma das partes. O nosso combate é anti hegemónico e ecosocialista.**

**9.** Os Estados europeus em geral não exercem um papel autónomo nas relações internacionais, submetidos à NATO e às imposições dos EUA. Não definem uma política própria de comércio internacional mais justa, de solidariedade com o Sul Global, com os povos que migram para fugir à fome e à morte, de apoio aos povos palestino, curdo e sahuri, de vanguarda na luta pela paz e no combate às alterações climáticas. **Em vez de escolherem a via negocial para a resolução dos conflitos, optam pela militarização e corrida armamentista, com um dramático cortejo de mortes e destruição nos campos de batalha.**

**10.** O Bloco posiciona-se contra a guerra, produto da crise do próprio capitalismo global, em que os povos perdem sempre. **Rejeitamos com veemência a agressão da Rússia contra a Ucrânia e exigimos a todas as potências envolvidas que, em vez de alimentarem a guerra, cessem imediatamente os combates**



**e avancem para negociações de paz.** Condenamos e sabemos da responsabilidade direta da Federação Russa na invasão da Ucrânia. Não temos qualquer dúvida sobre o papel agressivo dos EUA e da NATO e a submissão da generalidade dos governos europeus aos seus desígnios expansionistas para o domínio global na disputa com potências emergentes. **Queremos Putin fora da Ucrânia e a NATO fora da Europa.** O Bloco não pode ficar ligado a qualquer decisão que branqueie essa submissão (caso da votação de resoluções no Parlamento Europeu). Referências genéricas aos “imperialismos” obliteram o papel hegemónico dos EUA e da NATO.

**11.** Acabou o tempo do impropriamente chamado “contrato social” promovido pela social-democracia, sob grande pressão do movimento dos trabalhadores. Para além da sobreexploração dos povos do chamado Terceiro Mundo, o Estado-social foi suportado em três décadas de crescimento económico. **Esse “contrato” foi rasgado e o que atualmente determina a elite europeia é a visão neoliberal. A coberto da guerra na Ucrânia, está em marcha na UE a guerra social, uma ofensiva de destruição de direitos e redução de salários, de precarização e uberização do trabalho, de degradação de serviços públicos, de recuo em relação às metas climáticas e da produção de energia a partir de fontes fósseis.**

**12.** O Pacto de Estabilidade e Crescimento (PEC), surgido na sequência do Tratado de Maastricht, tem sido o instrumento para impor restrições orçamentais, diminuir o Estado-social, acelerar a abertura dos serviços públicos e da segurança social aos privados. Suspenso durante a crise pandémica, a Comissão Europeia prepara-se para o fazer ressurgir ainda com mais limitações às soberanias e aos direitos dos trabalhadores e dos povos. O Banco Central Europeu está a criar um mecanismo (“antifragmentação”) para se apoderar diretamente da política económica, orçamental e social dos países que não cumpram os critérios impostos. **Os governos dos países da UE abdicam de uma política alternativa e soberana. O combate a esta posição é fundamental. A desobediência à UE é um elemento político soberano essencial de resistência.**

**13.** A UE e o Euro estão cada vez mais longe de constituírem uma solução. A integração da União e a Moeda Única têm agravado as crises e aprofundado as desigualdades sociais, em particular nas economias (semi) periféricas e mais débeis, com serviços da dívida que esgotam recursos em favor do sistema financeiro. **A renegociação da dívida – injusta e impagável – deve ser colocada em cima da mesa na UE e na agenda política nacional e internacional.**

## **A MAIORIA ABSOLUTA COMBATE-SE COM AS LUTAS SOCIAIS**

**14.** O “estado de graça” da maioria absoluta do PS foi curto. A crise provocada pela escalada inflacionista voltou a evidenciar de que lado se coloca o PS. A indignação e a revolta de vastos setores sociais – dos laborais aos ambientalistas – com a política governamental são evidentes. As lutas dos professores, técnicos e operacionais da escola pública alcançaram mobilizações históricas, mas também outros sectores e empresas, no público e no privado, têm convocado greves e manifestações pelas suas reivindicações. Movimentos como o “Solidários”, “É hora de agir!” e o “Vida Justa” manifestam-se na rua. **A perda de poder de compra de trabalhadores e pensionistas é um facto dramático. O combate pela erradicação da pobreza e contra o empobrecimento são centrais na nossa intervenção política.**

**15.** No Parlamento, a maioria absoluta do PS prefere a disputa e polarização com populistas e liberais, ao confronto com qualquer força capaz de disputar o seu espaço político concentrada na mobilização social. Esse é o papel do Bloco. **A construção de uma alternativa de esquerda para o país impõe o combate à maioria absoluta do PS, apoiada num novo projeto de sociedade, numa linha política autónoma, num sistema de alianças e na mobilização social para múltiplas lutas no espaço público.**

**16.** Sobre o projeto de sociedade, reafirmamos o **ecossocialismo**, colocando na primeira linha o respeito por quem trabalha ou trabalhou, a democracia participativa, o planeamento descentralizado e a partir da base, a propriedade coletiva dos principais meios de produção, o controlo público dos setores estratégicos da economia, uma economia descarbonizada que tenha em conta os avanços tecnológicos, nomeadamente na



digitalização, de superação do modelo produtivista e extrativista, o restabelecimento da relação metabólica entre humanidade e natureza. O ecossocialismo é um projeto que aprendeu com os erros do passado, para ganhar o futuro.

**17.** A “excessiva proximidade ao PS” que determinou campanhas eleitorais do Bloco sem coerência nem autonomia, com expectativas e objetivos dependentes de novos acordos com o Governo, resultou num ciclo de perdas eleitorais e de estreitamento da influência política. **Há que reafirmar uma linha autónoma que reponha a radicalidade no discurso, nas propostas e na intervenção social, a ação na defesa dos trabalhadores e nas respostas à emergência climática, em vez do eleitoralismo marcado pela superficialidade, gerido em função da possibilidade de entendimentos parlamentares com incidências governativas. Esta mudança é absolutamente necessária para a recuperação da confiança no Bloco.**

**18.** É essencial, e existe espaço, para uma alternativa de esquerda credível e transformadora, que não se resume ao Bloco que deve assumir um papel catalisador. Uma ampla resposta popular exige diálogo e iniciativa comum com todas as forças – partidárias, sociais e do conhecimento, capazes de se posicionarem à esquerda do Governo, nas suas propostas aos problemas sociais criados pelas crises e pela ofensiva neoliberal. O Bloco deve agir em coerência com este desafio, sem sectarismo nem autossuficiência. **A construção de uma alternativa política capaz de influenciar uma ampla maioria da sociedade, é um processo social e político de fôlego e com horizonte que não se resume a duvidosos acordos circunstanciais.**

## UM PROGRAMA COM COMPROMISSOS PARA UMA ALTERNATIVA DE ESQUERDA

**19.** Um programa para uma alternativa tem de garantir que cesse a transferência de rendimentos do trabalho para o capital, desde logo impedindo a perda nos salários, pensões, apoios sociais e sistema de direitos. Tem de ser intransigente na defesa das condições para a contratação coletiva, no combate à precarização das relações laborais e à *uberização*. **Tem de assegurar robustos serviços públicos que garantam os direitos constitucionais à saúde, à educação, a reformas dignas e ao acesso universal à habitação, com a criação de um Serviço Nacional de Habitação que promova a oferta pública e cooperativa, combata a mercantilização deste direito e a especulação imobiliária.**

**20.** Um programa de alternativa tem de responder às urgências ambiental e ecológica, com capacidade de interligar trabalho e ambiente, em confronto com um sistema baseado na obtenção do lucro imediato. Um programa assente na descarbonização da economia pela diminuição das emissões de GEE, na criação de emprego com direitos, na ampliação do transporte público coletivo sem emissão de CO<sub>2</sub>, em particular da ferrovia, na proibição de voos comerciais de curta distância.

**21.** São necessárias medidas urgentes de proteção das populações mais vulneráveis a fenómenos extremos, decorrentes da mudança climática, de combate à pressão sobre a orla costeira e à desertificação. **A água de qualidade não pode ser uma mercadoria, mas um bem público com garantia de acesso a consumos básicos.** Impõe-se a defesa da biodiversidade e das áreas protegidas, contra a sua cogestão pelas autarquias que as tornam presa fácil dos interesses imobiliários; pela eficaz proteção dos *habitats* de interesse conservacionista e de requalificação de áreas degradadas.

**22.** Nos sistemas agroflorestais, torna-se estratégico avançar para a transição agroecológica, com adaptação da produção de alimentos às condições edafoclimáticas, contra os lobbies do agronegócio, dos grandes agrários e industriais da celulose, com incentivo à agricultura familiar e à criação de circuitos curtos de produção e comercialização, contra a expansão do regadio e de extensas áreas de monoculturas. **O objetivo central da PAC é garantir os lucros do agronegócio europeu ao invés de apoiar os pequenos agricultores e o seu associativismo, promover a soberania alimentar, defender uma floresta multifuncional e biodiversa, com remuneração dos pequenos produtores que assegurem serviços ambientais e ecológicos. Só travando as monoculturas extensivas de eucalipto e pinheiro-bravo se defende o espaço rural e se previnem os incêndios devastadores.**



**23. Um programa para a alternativa assume o compromisso de levar a cabo a regionalização, como processo de descentralização e democratização do Estado associado à participação popular na definição das políticas públicas e da governação ao nível subnacional.** Torna-se essencial superar iniquidades territoriais e aprofundar a democracia local. Nas autarquias, o presidencialismo, em geral autocrático, deve ter como alternativa o reforço da centralidade e dos poderes das Assembleias, conferindo-lhes capacidade de determinar a composição dos executivos, de os fiscalizar efetivamente e de decidir sobre a continuidade, através do mecanismo da moção de censura. A via do Governo para a “descentralização” aumenta a concentração de poderes no presidencialismo autárquico, promove o clientelismo e descarta responsabilidades em áreas cruciais, como Educação e Saúde. Não é regionalização.

**24. O país tem de evoluir para a produção descentralizada de energia a partir de fontes limpas, com a formação de comunidades locais de produção, distribuição e consumo, sem prejuízo do aumento da eficiência energética. Há que adotar um novo paradigma energético que rejeita o produtivismo,** assim como o “capitalismo verde”, em que descarbonizar é entendido como uma mera oportunidade para novos negócios. É o caso da “Taxonomia Verde da UE” que considera o gás e o nuclear energias limpas. Repudiamos o nuclear e exigimos o desmantelamento da central de Almaraz. O interior do país não pode transformar-se num manancial para as indústrias extrativas (lítio e metais raros) com o incremento da poluição dos solos e da água, da desertificação, e do conseqüente despovoamento. **A esquerda decidida a um novo compromisso civilizacional entre Trabalho, Ambiente, Conhecimento e as novas gerações, coloca o ambiente e a defesa dos sistemas ecológicos no centro das suas exigências.**

## **APOIAR OS MOVIMENTOS SOCIAIS E DEFENDER A SUA AUTONOMIA**

**25. Os movimentos sociais desempenham um papel essencial e estratégico nas mudanças necessárias na sociedade, na economia, no ambiente, no combate aos conservadorismos, à fascização, à extrema-direita, na luta pelos direitos de género, LGBTIQ+, antirracista e antineocoloniais.** Defendemos a autonomia dos movimentos e rejeitamos qualquer atitude tutelar ou instrumental que tenda a sufocá-los. Saúda-se o surgimento de novas dinâmicas sociais, com formação de coletivos, movimentos e sindicatos que intervêm nas lutas pela habitação, pelos salários, contra o aumento do custo de vida, pelos direitos laborais, por cidades inclusivas e promovem a propriedade coletiva e os comuns. O horizonte ecossocialista começa a desenhar-se nas lutas quotidianas e no modo como se estabelece a relação com os movimentos, antecipando o futuro.

**26. A crise social, económica e ecológica atinge de forma particular os idosos, as crianças e as mulheres, em especial as que nada têm para além da sua força de trabalho.** Continua a ser sobre as mulheres que recaem as consequências da violência machista, das desigualdades económicas e sociais, dos assédios, dos preconceitos sexistas, racistas e neocoloniais. As precariedades absorvem as suas vidas desde as que, de madrugada, saem de casa para trabalhar, até às que, sendo migrantes e não só, trabalham sem quaisquer direitos. As violências contra as mulheres perpetuam -se e os números dos femicídios não descem. As raízes patriarcais desta sociedade consolidam a opressão e a dupla exploração das mulheres trabalhadoras, com particular gravidade das mais precarizadas e discriminadas como as migrantes, as lésbicas, bissexuais e trans. A fome tem rosto de mulher, criança e pessoa idosa. A intervenção ecofeminista, a luta pela igualdade e pela emancipação plena das mulheres impõe-se de forma interseccional.

**27. Recomeçar de Novo implica uma firme defesa da democracia, na prática e no terreno das ideias; uma democratização do conhecimento, da cultura e de respeito pelos seus agentes, profissionais ou não. Exige um intransigente combate à corrupção, à ascensão das forças de extrema-direita, populistas, xenófobas, racistas e machistas.**

**28. A alavanca essencial para a mudança política são as lutas laborais, sociais e ambientais, em articulação com os vários movimentos, sem menosprezo pela luta no seio das instituições e da democracia representativa.** O Bloco assume a análise baseada na luta de classes e não se sobrepõe às prioridades geradas pelas contradições sociais e culturais. A obrigação é agir sobre elas, nos contextos políticos



que criam. **A prioridade é favorecer a multiplicação das redes de ativismo e do sindicalismo à escala nacional, regional e, com enorme importância, a nível local e de locais de trabalho. Disso depende o avanço das lutas, o enraizamento e ampliação do apoio popular** à política alternativa de esquerda.

**29.** Há lutas que marcam o momento. **Nas condições laborais**, assume prioridade a luta contra a precariedade e a *uberização*, por salários e reformas justas, pela redução do horário de trabalho para as 35 horas sem perdas salariais, pela defesa dos direitos dos imigrantes e da negociação e contratação coletiva que afaste a sua caducidade. **No direito à Habitação**, exige-se uma política pública que não esteja dependente do mercado; tetos nas rendas, fim dos despejos sem alternativa e garantia de que os milhares de fogos devolutos detidos pelos fundos de investimento imobiliário serão mobilizados pelo Estado, a curto prazo, para serem disponibilizados com rendas acessíveis. **Na Educação**, aumento do investimento público, com redução do número de estudantes por turma, criação de instrumentos para a qualificação e dignificação do corpo docente e uma avaliação justa de desempenho. **Na Saúde**, garantir um SNS forte, com médicos de família para todas as pessoas, carreiras profissionais dignas e fim da promiscuidade com o privado. Reconhecimento dos cuidadores informais. **Na Justiça**, igualdade no acesso aos tribunais, em especial pelos mais necessitados, redução das taxas de justiça, tornar célere e menos classista o regime da proteção jurídica e dotação de meios adequados. **No Ambiente**, combate aos interesses mercantis dos *lobbies*, com a criação de uma agência pública para a transição energética que apresse a política de carbono zero, promova a investigação nas alternativas limpas e garanta o não adiamento da redução na utilização de combustíveis fósseis, a coberto da guerra na Ucrânia.

**30. O Bloco deve investir na aproximação, formação e organização de quantos/as queiram sindicatos com democracia e de combate. A relação bloquista com o movimento laboral, o movimento de massas mais forte organizado em Portugal, deve ser solidária e esclarecida.** O problema central não é o da partidização, como alguns defendem para desmotivar ou diminuir a importância da participação. Há é que enfrentar o atraso relativamente às novas realidades, em especial a precariedade, a imigração, as novas formas de trabalho, a digitalização, a alternativa ao modelo produtivista e as novas complexidades impostas pela escala global do capital. É essencial contribuir para a intervenção e renovação de quadros sindicais e enfrentar o ataque neoliberal contra os trabalhadores, a coberto de uma suposta "concertação social".

**31. Cabe à esquerda que não desistiu unir-se e participar nos movimentos sociais, nos combates antineoliberais e anticapitalistas.** As derrotas de Trump e Bolsonaro mobilizaram milhões, a revolta antirracista nos EUA e as iniciativas Me Too desencadearam uma forte mobilização popular com grande repercussão internacional. Pulsa nos movimentos a exigência de justiça, democracia, direitos laborais, LGBTIQ+, feministas, étnicos, decoloniais, e de mudanças revolucionárias, de socialismo.

## UM BLOCO CONSTRUÍDO COM A ALEGRIA DA PARTICIPAÇÃO E DA PLURALIDADE DEMOCRÁTICA

**32.** O próximo ciclo eleitoral começa em setembro/outubro de 2023, com as eleições para a Assembleia Legislativa Regional da Madeira. Previsivelmente, prosseguirá com as Europeias em maio/junho 2024, depois para a Assembleia Legislativa Regional dos Açores, em outubro 2024, Autárquicas em setembro/outubro 2025, Presidência da República, logo no início de 2026 e as Legislativas em setembro/outubro. Estes processos eleitorais precisam de preparação específica, mas **todos exigem autonomia política, formas de cooperação interna, sem exclusões, e, na base, muito mais participação na definição e iniciativa política.**

**33. As eleições na Madeira irão ter a importância específica da procura do restabelecimento da representação parlamentar bloquista**, perdida em 2019, e por poderem marcar o ciclo, nomeadamente no combate à extrema-direita. As autonomias, tanto da Madeira como dos Açores, serão determinantes na definição da orientação política do Bloco e devem contar com o forte empenho do todo bloquista.

**34. Às organizações locais do Bloco deve ser conferida capacidade para avançar com candidaturas autárquicas, candidatas/os e programas eleitorais locais.** Todo o empenho deve ser conduzido para



a promoção de candidaturas próprias, podendo assumir, em situações excepcionais, o eventual apoio a alianças populares à esquerda, na forma de coligações pré-eleitorais ou candidaturas independentes e cidadãos. A preparação das Autárquicas 2025 deve começar desde já, com valorização prioritária do trabalho local, apoio à formação e intervenção dos núcleos locais.

**35.** Defendemos o pleno funcionamento no Bloco, segundo as regras estatutárias, dos vários órgãos eleitos democraticamente. Recusamos a excessiva centralização pelo Secretariado Nacional (que não é considerado pelos Estatutos um órgão) da iniciativa política e das fronteiras dos debates internos, com aberta desvalorização da Comissão Política, da Mesa Nacional e dos órgãos intermédios e de base. No Bloco, o pluralismo é **uma riqueza que não deve ficar fechada e limitada às tendências. A valorização dos contributos das múltiplas experiências e saberes, com rejeição absoluta das perseguições internas por delito de opinião, é uma preciosa marca original do partido de que não podemos abdicar. Rejeitamos o crescente “centralismo burocrático” disfarçado de democrático.**

**36.** O Bloco deve passar a estimular a descentralização e multiplicação de polos de iniciativa, ação e reflexão. Deve ganhar a cultura de porta-vozes, democraticamente legitimados pelos/as aderentes e nas diversas escalas de intervenção (local, regional e nacional), que assumam responsabilidades temáticas para o exterior e para o desenvolvimento desses debates no nosso seio. **Só com responsabilização se formam quadros, rostos e equipas para as lutas sociais e para as disputas eleitorais nacionais, regionais e autárquicas.**

**37.** Para reconstruir um Bloco forte, vamos dar atenção prioritária à atividade de base, combatendo o fechamento e a autossuficiência centralista. Há que revalorizar a iniciativa e a decisão participadas, combatendo o centralismo; promover o debate livre em vez de uma estereotipada transmissão de propaganda formatada e de “cima para baixo”; ao invés da conceção de que o “partido se reforça depurando-se”, que impõe um crescente monolitismo castrador e reacionário, queremos revalorizar a pluralidade, marca genética do Bloco esmagada por práticas de sectarismo e velhas lógicas de exclusão e de asfixia da democracia interna.

## **QUE PARTIDO QUEREMOS? UM BLOCO POPULAR E DE AÇÃO, PLURAL E CAPAZ DE JUNTAR FORÇAS PARA UMA ALTERNATIVA DE ESQUERDA**

**38.** Queremos um Bloco de ação e de massas, com a identidade que a luta pelo socialismo nos nossos tempos lhe confere, virado para a construção de soluções unitárias, abrangente e anti sectário, com forte enraizamento na ação local, assente em assembleias de debate e núcleos de ativismo. **Com uma prática interna de democracia radical, de valorização dos múltiplos contributos de todas/os sem exclusões, pois todas/os que militam nesta esquerda fazem falta.**

**39.** A eleição democrática de dirigentes por método proporcional é um traço que importa valorizar. **Tal significa a rejeição da aclamação antecipada de líderes, as “sucessões” pré-anunciadas ou a recorrente chantagem antidemocrática sobre “cortes de cabeças”, impossíveis à face dos Estatutos. Privilegiamos a definição coletiva de critérios, a eleição de equipas e a limitação temporal dos mandatos.**

**40.** O Bloco não pode ficar reduzido ao tradicional “partido de eleitores”, porque tenderia para o eleitoralismo e a institucionalização. O seu horizonte passaria a ser apenas o das próximas eleições, o que não constrói movimento, dispensa as bases e é centralista. Também não quer ser um “partido de propaganda”, assente em declarações que iludiem a falta real de implantação como a de ser o 3ª partido; ou a da retórica de que não tem vocação local e autárquica, mas alega ter implantação social; ou que não se liga aos movimentos com a narrativa de não os instrumentalizar. **Um partido “de eleitores”, “de propaganda”, ou uma amálgama de ambos, perde o contacto com realidade, afunda-se em manobras táticas que geralmente levam a insucessos, como sabemos, aliena a democracia e a participação, subalterniza as lutas sociais. Continuar por esse caminho é prosseguir o caminho das derrotas.**

**Há que mudar, os/as trabalhadores/as e o povo precisam de um Bloco para a ação, popular, plural e capaz de juntar forças. É este o partido que queremos.**





**Mandatário/a da Moção E:** Mário Tomé – militar de Abril e membro da Comissão Política do BE; Bruna Paulo – estudante, militante de base do BE e ativista dos movimentos LGBTQIA+, feminista, juventude, antirracista e emergência climática.

**Contacto com a Moção E:** [mocaoplataformaunitaria@gmail.com](mailto:mocaoplataformaunitaria@gmail.com)

## SUBSCRITORES

Acácio Fernando Fortunas da Silva Pinheiro	Lisboa	11647
Adelino António Moreira Granja	Leiria	4507
Adriano Manuel Teiga Zilhão	Lisboa	15138
Alberto de Sousa e Silva	Porto	197
Alexandre Miguel Rodrigues Ferreira da Silva Carneiro	Braga	8548
Alexandrina Maria Nunes Dos Santos	Santarém	5936
Alfredo José Gonçalves Vasco	Santarém	14448
Álvaro Miguel Góis dos Santos	Santarém	16416
Alzira Maria Ferreira Direitinho	Aveiro	4824
Américo José Martins Resende	Aveiro	13252
Ana Carreira D'Espiney	Lisboa	15161
Ana Filipa Silva Ferreira Costa	Braga	13827
Ana Isabel Monteiro Vieira de Castro	Lisboa	9480
Ana Margarida Tomás Coutinho Ramalho	Santarém	13963
Ana Maria de Oliveira Vinagre	Portalegre	9662
Ana Maria Soares Lourenço	Lisboa	12525
Ana Rosa Oliveira Mourata Pendilhas	Portalegre	15431
Ana Rute Domingues Araújo	Porto	11619
Ana Sofia Cotrim Lopes Mourão	Santarém	11132
Ana Sofia Mealha Afonso Cortes	Lisboa	9397
Anabela Lourenço Baptista Calado	Portalegre	10029
Andreia Sofia da Silva Martins	Santarém	13880
Ângelo Salvador Marques da Silva	Santarém	13313
Aniceto Correia	Setúbal	968
António Augusto Diniz Veloso	Lisboa	7458
António Caldeira Velez dos Reis	Santarém	14451
Antonio Carlos da Silva	Coimbra	16526
António Carlos Martins Godinho	Santarém	1323
António Correira da Costa Ferreira	Santarém	14852
António de Jesus Mota Abreu	Leiria	3503
António João Aires Rato	Portalegre	12174
António Joaquim Fernandes Gonçalves	Porto	192
António José da Ascensão Esquetim	Portalegre	5093
António José Guimarães Castela Fernandes	Lisboa	14823
António Luís Andrade Silva	Lisboa	3905
António Manuel Bidarra Fernandes	Lisboa	8032
António Manuel Brito Sequeira Mendes	Leiria	279
António Manuel Carlos Pereira	Portalegre	1959
António Manuel Louro Miguel	Porto	3614
António Manuel Pires Duarte	Santarém	14502
António Manuel Ribeiro Ferreira	Braga	5006
António Maria Pinheiro Almeida	Portalegre	10194
António Maria Ramos Ricardo	Portalegre	209
António Pereira Miguel	Lisboa	10714



António Ramoa Lima	Braga	12120
Arlene Maria Castanhas Quintans	Santarém	13888
Armandina Rosa Timóteo Alexandre Fernandes	Lisboa	2970
Armando Luís Teixeira da Rocha	Lisboa	14192
Artur António Guerreiro Sanina	Faro	10653
Benjamin Carrilho Gomes	Portalegre	10467
Bento da Conceição Correia	Lisboa	1099
Bruna Alexandra Moreira Paulo	Santarém	16882
Bruno Miguel Parada Gonçalves	Porto	14463
Carla Maria Pires Rodrigues	Santarém	9737
Carlos Aboim de Brito	Faro	1564
Carlos Alberto Carraça Madruga	Lisboa	300
Carlos Alexandre Rodrigues Gomes	Portalegre	14499
Carlos Alfredo Mulano Ginga	Portalegre	10197
Carlos António Laureano Galão	Portalegre	10444
Carlos Lourenço de Jesus Neves	Setúbal	5200
Carlos Manuel Godinho Matias	Santarém	1355
Carlos Manuel Marques da Silva	Lisboa	1095
Carlos Manuel Tavares dos Santos	Portalegre	11218
Carlos Manuel Tomás de Jesus	Leiria	10862
Carlos Manuel Vicente Marecos	Santarém	5017
Carlos Miguel Vilar Patrão	Lisboa	1052
Catarina Alexandra Monteiro da Silva Fonseca	Santarém	13869
Cátia Alexandra Paixão Rato	Portalegre	12172
Cátia Sofia Cunha dos Santos Travessa	Santarém	13124
Célia Maria Martins da Silva	Santarém	13884
Cristina Maria de Oliveira Monteiro	Portalegre	12441
Custódio Alexandre Rodrigues	Lisboa	12589
Dália Maria Felício Seixas Rainho	Santarém	1346
Daniela Freitas dos Santos Louro	Lisboa	3144
Daniela Sande Lopes	Portalegre	15009
David Carrilho Meira	Portalegre	10198
David Eduardo Vicente Roque	Faro	8209
David Gonçalves Caldeira	Portalegre	11203
Davide José Ramos Silva	Santarém	11408
Diogo Miguel Cunha Santos	Santarém	13123
Domicília Maria Correia da Costa	Porto	15005
Domingas Patrícia Santinha Portela Jesus	Portalegre	10249
Domingos Mata Neves	Portalegre	11217
Edgar Alves Bernardo Antunes	Santarém	4979
Edgar Filipe Garcias Anjos	Portalegre	15063
Edgar José Santinha Rosa	Portalegre	11981
Emidio Manuel Monteiro	Santarém	13951
Emiliano Joaquim Arguelles Velez	Portalegre	11205
Enara Teixeira	Vila Real	15941
Eva Luísa da Rocha Coelho	Porto	10108
Feliciano João Rodrigues dos Santos	Santarém	16571
Fernando Bessa Ribeiro	Braga	14319
Fernando Jorge Morais Ferreira Afonso	Aveiro	102
Fernando Jorge Vitorino de Sousa	Santarém	14452
Fernando Manuel Favita Pereira	Portalegre	13269
Fernando Manuel Ribeiro de Castro	Porto	14564
Fernando Napoleão Sousa Campos Oliveira	Aveiro	696
Filipe Carlos Silva Vintém	Santarém	8495



Florbela Orlanda Galvão Garcia Anjos	Portalegre	14498
Francisco Amorim Santos Baptista	Porto	1235
Francisco Daniel de Oliveira Pascoal	Santarém	12538
Francisco Filipe Barata Sousa Filipe	Portalegre	10494
Francisco José Basílio Costa	Porto	9677
Francisco José Claudino Galego	Portalegre	15166
Francisco José Morgado Fernandes	Santarém	16986
Francisco Manuel Morgado Gargate da Silva	Portalegre	10420
Francisco Manuel Silva Tomás	Setúbal	755
Francisco Realinho Meira	Portalegre	11206
Frederico Figueiredo Ferreira Carvalho	Santarém	13870
Gabriela Clara Quental Mota Vieira	Açores	3844
Gonçalo Filipe Nunes Rafael	Santarém	4977
Gonçalo Palma Ferreira Mota	Portalegre	10982
Guiomar Maria Monteiro	Santarém	13938
Helena Rita M. P. O. Neves	Santarém	13902
Hélio Manuel Marques Gouveia	Santarém	1356
Henrique dos Reis Leal	Santarém	1350
Higino Manuel Gaocho Maroto	Portalegre	14695
Horácio Martingil Batista	Santarém	14472
Hugo Freire dos Reis Ferreira	Portalegre	10534
Hugo Miguel Pereira Alcobia Arsénio Xavier	Setúbal	12727
Humberto José Monteiro Sereno	Setúbal	546
Inês Isabel Venda Verde Nobre Ferreira	Santarém	16311
Inês Maria Mendes Viegas Hipólito	Santarém	5485
Isabel Alexandra Monteiro da Silva	Santarém	13879
Isidora Mariana Diaz Vinagre	Portalegre	10358
Ivo Emanuel Moreira Barros	Porto	9043
Jaime Pires Lopes d'Abreu	Portalegre	10425
Joana Rita Graça Godinho	Santarém	5577
João Álvaro Bau	Lisboa	4658
João Álvaro Seabra Mota	Lisboa	15430
João António Tavares Romão	Portalegre	11982
João António Viegas Hipólito	Santarém	6347
João Batista Pereira Paixão	Portalegre	12942
João Carlos Arraiano Canudo	Portalegre	9696
João Carlos Nunes da Conceição	Setúbal	1186
João Chalas Carvão	Setúbal	1385
João Ferreira da Costa	Santarém	13341
João Francisco Reguina Faria Simões	Portalegre	7704
João José Mafra Gil	Portalegre	10455
João José Nunes Ramos	Santarém	2354
João Luís Mourato Varela	Portalegre	11072
João Luis Vilela Alves	Santarém	16055
João Manuel da Costa Vaz	Lisboa	2743
João Manuel Machado Oliveira	Braga	917
João Manuel Ribeiro	Braga	2935
João Maria Passadinhas Pires	Portalegre	9789
João Paulo Coelho Ricardo	Porto	14021
João Paulo dos Santos Marques	Lisboa	6763
João Paulo Fonseca da Encarnação	Lisboa	8702
João Paulo Freitas Barros Luís	Lisboa	10226
João Paulo Pinto Carvalho	Porto	10875
João Pedro Fonseca Monteiro	Santarém	15776
Joaquim Elias Neto Carapeta	Portalegre	14591
Joaquim Fernando Nunes Martins	Portalegre	12744



### XIII CONVENÇÃO DO BLOCO DE ESQUERDA: MOÇÃO E

Joaquim Fernando Pereira Araújo	Porto	10222
Joaquim Luís Santos Lopes Simões	Santarém	14471
Joaquim Manuel Franco Chagas	Lisboa	1450
Joaquim Mendes Teixeira	Braga	4252
Joaquim Telmo Lavadinho Rodrigues	Portalegre	10663
Jónatas Pereira	Porto	14855
Jorge Humberto Fouto Mendes	Portalegre	14389
Jorge José Carrajola Ferreira	Portalegre	11216
Jorge Manuel Costa Santos da Silva	Santarém	11173
Jorge Nicolau de Sousa Lourenço	Porto	1240
José Almeida Bastos	Lisboa	5958
José António do Espírito Santo Marin	Lisboa	13466
José António Leitão Quintans	Santarém	13896
José António Moço Simões	Santarém	13883
José Carlos Correia Caetano	Leiria	16838
José Carlos Ferreira da Silva Vieira	Porto	13119
José Carlos Gomes Lopes	Aveiro	697
José Carlos Soares	Portalegre	10357
José Casimiro Leite Garcia	Santarém	13885
José Domingos Chamorrinha Sande	Portalegre	13272
José Fernando Balança Gaspar	Portalegre	13865
José Joaquim Lucrécio Gaspar Grilo	Portalegre	11215
José Júlio Santana Henriques	Lisboa	15045
José Luís da Fonseca Monteiro	Portalegre	12171
José Manuel Baptista do Carmo	Faro	1566
José Manuel Marques Casimiro	Lisboa	660
José Maria Serra	Santarém	11045
José Pedro Cardinha Rainho	Santarém	1345
Júlia Maria Demétrio Ferreira Pereira	Portalegre	13270
Julieta Maria Grilo Fragoso	Portalegre	15202
Larysa Volodymyrivna Demchenko	Santarém	11043
Laura Coutinho Ramalho	Santarém	13315
Leonor Antunes Magalhães Carvalho Pinto	Porto	15350
Liberato Ribeiro de Almeida	Aveiro	702
Lino de Carvalho Mendes	Braga	13001
Lúcia Vera Marralho Medeiros	Vila Real	13976
Ludgero Eduardo Martins Orelhas	Portalegre	10202
Luís Artur Ribeiro Gomes	Santarém	1501
Luís Carlos Marques da Silva	Santarém	11126
Luís Carlos Mouga Lopes Ferreira	Viseu	3427
Luís Gabriel Rodrigues Pereira	Santarém	15367
Luís Manuel Jesus Ventura Carvalho	Portalegre	11207
Luís Manuel Macarrinhas Anjos	Portalegre	14500
Luís Miguel Palmeiro Rodrigues	Portalegre	10417
Luís Miguel Vale	Porto	3823
Luís Tiago Barroso Pereira Lopes	Vila Real	16001
Lurdes Maria da Silva Gomes	Porto	9844
Luz Celeste Vieira Queirós Santos Baptista	Porto	1246
Magda Sofia Garcia Anjos	Portalegre	15240
Manuel António Azeitão Rebelo	Portalegre	15136
Manuel António Folgado Marques Borrego	Santarém	13708
Manuel Carlos Ferreira Silva	Braga	12121
Manuel Martins Mileu	Portalegre	13674
Manuel Soeiro Alves	Santarém	14455
Marcia Filipa Graça Godinho	Santarém	5576
Márcia Sofia Estalagem Cruz	Portalegre	10204



Margarida Rodrigues Biléu	Portalegre	10535
Maria Alice Marques Cipriano	Santarém	13878
Maria Bento Nunes do Rosário Rafael	Santarém	1344
Maria da Conceição Marques Abreu Dimas	Portalegre	12442
Maria da Conceição Marques dos Anjos	Santarém	8661
Maria da Fonseca	Santarém	13948
Maria da Glória Figueira dos Reis Velez	Santarém	14453
Maria da Luz Alves Lopes	Santarém	11044
Maria do Carmo Rodrigues Pires Silva	Lisboa	6132
Maria do Céu Santos Carvalho	Santarém	13322
Maria do Rosário Simões Marques da Silva	Santarém	13887
Maria Eduarda de Matos Monteiro	Lisboa	1094
Maria Elisa Carvalho Antunes Magalhães	Porto	3812
Maria Esmeralda Correia Mateus	Porto	1252
Maria Fonseca Custódio	Santarém	13867
Maria Irene Barão Gomes Conceição	Setúbal	1187
Maria Isabel da Silva Tavares	Portalegre	14595
Maria João Beleirinho Campos	Portalegre	10416
Maria Joaquina Filipe Marques	Santarém	13940
Maria José Barreto Pinheiro	Portalegre	11560
Maria José Belchior	Portalegre	11208
Maria Justina Figueiredo Ceia	Portalegre	10456
Maria Leonor Esteban Pereira	Faro	12722
Maria Manuela Martins Pereira	Braga	5830
Maria Manuela Mendes Louro	Portalegre	10283
Maria Manuela Monteiro da Silva Fonseca	Santarém	1604
Maria Manuela Paiva Fernandes Tavares	Setúbal	845
Maria Palmira Mendes Rato Hipolito	Santarém	6242
Maria Saudade Cunha	Santarém	13901
Maria Sofia Martins Lopes	Portalegre	16517
Maria Teresa Seixas Valério	Lisboa	10956
Maria Vicência Silva Bolas Sande	Portalegre	13271
Maria Viegas Tavares Freire	Santarém	13314
Mariana de Lurdes Rueguina Faria	Portalegre	14592
Mário António Baptista Tomé	Lisboa	3761
Mário de Matos Rodrigues Leote	Santarém	16118
Mário José da Silva Fonseca	Santarém	725
Marta Isabel Martins Oliveira	Santarém	16883
Miguel Pedro Jacob Pereira Cabral	Lisboa	2247
Nélio Filipe Oliveira Ferreira	Santarém	13949
Nelson Jorge Pereira Moura	Porto	14875
Nohra Lucia Ramos Cobo	Braga	14378
Nuno Casimiro Vaz Silva	Círculo da Europa	10867
Nuno Manuel dos Santos Silva	Porto	14874
Nuno Manuel Pita Meia Onça	Lisboa	10319
Nuno Miguel Ferreira Monteiro	Santarém	11127
Octávio Joaquim Lopes Jorge	Lisboa	7136
Otávio Nunes Ferreira	Santarém	13321
Paula Cristina Inácio Pires Freire	Portalegre	11174
Paulo Alexandre Carrápató Ruivo	Portalegre	10246
Paulo Alexandre Gandum Martins	Portalegre	12173
Paulo Alexandre Martins Mendes	Santarém	8491
Paulo Cristiano Rosa Ferreira Marques	Santarém	8173



Paulo Jorge Ribeiro Gomes	Santarém	13873
Paulo Jorge Sousa Gonçalves	Lisboa	8135
Paulo Renato Cardoso Ricardo	Porto	2055
Pedro Daniel Alves Barroso Gramunha Marques	Braga	15541
Pedro Manuel Bastos Rodrigues Soares	Lisboa	108
Pedro Queirós Amorim	Porto	1261
Rafael Lopes Camelo	Portalegre	15432
Reinaldo de Jesus Rodrigues Amarante Tentado	Santarém	4982
Ricardo André Lima Salabert	Porto	1961
Ricardo Fernando Esperança Dias	Porto	8149
Ricardo Jorge Santos Ginga	Portalegre	10344
Roberto José Pereira Tavares	Lisboa	8289
Rogério Pinto	Leiria	7713
Rosa Manuela Ferreira Barbosa Cerdeira Oliveira	Braga	5791
Rosa Maria Torres Graça Godinho	Santarém	5578
Rui d'Ávila Fontes Alferes Lourido	Lisboa	734
Rui Filipe Garcês Barbosa	Porto	14539
Rui Jorge Dias Figueira de Sousa	Portalegre	13344
Rui Manuel Vitor Cortes	Vila Real	251
Sandra Marina Monteiro da Silva Caçoila	Santarém	5487
Sara de Jesus Barradas Claudino Galego	Portalegre	12557
Sérgio Augusto Ribeiro Filipe	Santarém	11407
Sérgio João Carichas Tomatas	Portalegre	10242
Sílvia Isabel Alves Oliveira	Portalegre	9766
Sofia Isabel Borbinha da Cruz Luna	Évora	6786
Susana Maria da Silva Cordeiro	Portalegre	10195
Tiago Antunes da Silva	Guarda	4173
Tiago Filipe Ribeiro Oliveira	Santarém	13868
Valter Alexandre Bailarota Penha	Portalegre	10243
Vanda Cristina Murta Raposo	Portalegre	11209
Vania Filipa Costa Moreira	Santarém	13874
Vera Cristina da Graça Ferreira Machado	Santarém	13956
Vera Maria Alves Pinheiro Timóteo	Lisboa	127
Vergílio do Rosário Rafael	Santarém	1343
Vitália Maria Dias Ribeiro	Setúbal	580
Vitória Maria Narciso Paixão Rato	Portalegre	11799